

Com água no quintal e coragem no peito, a agricultora Renata lidera pelo bem comum

Ao caminhar pelo quintal da jovem Maria Renata de Siqueira, o cheiro de coentro fresco se mistura com o canto das galinhas. A cena, comum em muitos lares do Semiárido, ganha aqui um significado especial: tudo isso só foi possível depois que a água da cisterna calçadão passou a abastecer a casa. Mas não é só a horta que floresceu — com ela, floresceu também a liderança de Renata, mulher que fez da água um instrumento de transformação coletiva.

Na comunidade rural de São Sebastião do Aguiar, no município de São José do Egito (PE), a mudança na vida de Renata de Siqueira, de 31 anos, e seu companheiro Hélio José Liberal da Silva, de 44, começou quando a água chegou para ficar. E, com ela, vieram também o conhecimento, o incentivo e o apoio de quem acredita na convivência com o Semiárido.

A cisterna calçadão de 52 mil litros, construída por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), e com assessoria da ONG Diaconia, foi o ponto de partida para que o casal pudesse plantar com regularidade, comer com mais saúde e começar a comercializar parte do que produzem.

“Antes a gente queria muito plantar, mas não dava. A água era pouca, a do poço era salobra. Quando chovia, dava pra tentar alguma coisa, mas perdia quase tudo quando o inverno passava. Hoje é diferente, a cisterna trouxe outra vida pra gente”, conta Renata.

No quintal, a transformação é visível. Couve, cenoura, coentro, pimentão, repolho, maracujá e batata brotam do solo com força. As galinhas, compradas com o fomento recebido junto com a cisterna, garantem ovos frescos que são consumidos em casa e vendidos na comunidade. “Agora a gente come melhor, o coentro é fresquinho, tirado na hora e o melhor é sem veneno. A gente aprendeu também a fazer defensivos naturais com as capacitações da Diaconia.”, diz ela, com orgulho.



O apoio da Diaconia não ficou restrito à construção da cisterna, a assessoria incluiu formações sobre manejo, reaproveitamento de água, cuidado com os animais e uso consciente dos recursos. O casal recebeu ainda insumos, sementes e incentivo para iniciar uma criação de porcos. Com o dinheiro do fomento, compraram tela, varas, sombrite, tijolos e já começaram a estruturar novos espaços produtivos no terreno. “Mudou tudo por aqui, a gente tinha vontade, mas agora tem como fazer com esse apoio que chegou na hora certa”, afirma Renata.

O que já é bonito de ver no quintal também floresceu na comunidade. Há quase três anos, Renata assumiu a presidência da associação local, quando percebeu que a entidade corria risco de fechar por falta de renovação. “Eu via que, se a associação acabasse, a gente ia perder muita coisa. Então resolvi encarar, desde os 11 anos eu ia para as reuniões com meu pai, sempre gostei de participar. Agora sou eu que chamo o povo pra se organizar.” Neste período ela também fundou o grupo de mulheres “Mulheres do Campo”, com 21 participantes. O grupo nasceu do entendimento de que muitos projetos e políticas públicas só chegam quando há articulação coletiva.

“Fui numa reunião e vi que tinha muita coisa boa acontecendo pra grupos organizados. Voltei decidida: vou criar um grupo pra gente também. E hoje já tem mulher que nunca plantou querendo aprender, querendo uma cisterna, querendo fazer parte.”



A prática coletiva tem rendido frutos. Renata já participou de intercâmbios e conheceu outras experiências, como a agrofloresta desenvolvida por um grupo de mulheres da comunidade vizinha, e quer trazer iniciativas parecidas para São Sebastião. “Vi que as mulheres de lá já receberam estufa, mudas, assistência técnica. Tudo isso fortalece e a gente quer isso aqui também.”

Entre os sonhos de Renata estão o reflorestamento com plantas nativas e frutíferas, o reaproveitamento da água cinza com sistema de reuso, a ampliação da horta e mais oportunidades para as mulheres do grupo. Apesar da rotina exigente e da lida diária na roça, segue investindo tempo e energia na comunidade. “É difícil, mas vale a pena. Se a gente não corre atrás, as coisas não vêm. Eu quero que minha comunidade cresça, quero ver mais mulheres produzindo, mais quintal verde, mais água chegando.”

Ela também faz questão de destacar a importância da parceria com o marido. “Tem homem que acha que se a mulher trabalha é porque quer mandar. Mas comigo não é assim, aqui em casa é parceria: quando ele não tem, eu tenho. E quando eu não tenho, ele tem. Um ajuda o outro, é assim que tem que ser.”

A história de Renata e Hélio é exemplo de como água, apoio técnico e organização comunitária podem mudar realidades no Semiárido. A cisterna calçadão não trouxe apenas água: trouxe dignidade, autonomia e a possibilidade de sonhar com os pés no chão e as mãos na terra. E com lideranças como Renata, o sertão mostra que, sim, é lugar de vida que resiste, floresce e alimenta o futuro.